

Praias cheias de lixo obrigam a repensar uso de balões, confetes e fogo de artifício



MEDIDAS

Monitorizar

O plano propõe que se desenvolva uma base de dados sobre lixo marinho, coordenada pela Direção-Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos, que agregue informação de municípios, instituições do Ensino Superior e sociedade civil, e monitorize as áreas protegidas.

Limpar areais

Limpar as praias no inverno e disponibilizar "jaulas" ou grandes recetores para depósito de lixo marinho. Também deve capturar-se o lixo transportado pelos rios antes de desaguar no mar.

Definir regras

Os municípios costeiros devem desenvolver planos "praias zero resíduos" com regras e orientações para boas práticas, como a disponibilização de cinzeiros.

Reutilizar

É preciso reduzir resíduos em eventos públicos. Os distribuidores devem adaptar-se, disponibilizando barris de bebidas, em vez de garrafas ou latas.

Plano para a costa prevê ações até 2026 para mitigar impacto no ambiente, economia e saúde

Plástico e beatas no top dos resíduos. Proibição de fumar ajudaria a reduzir essa poluição

Zulay Costa
zulay.costa@ext.jn.pt

AMBIENTE As praias portuguesas estão cheias de lixo, ultrapassando 19 vezes (1865%) o limite aceitável na Europa. São, sobretudo, plásticos e pontas de cigarro, que obrigam a uma intervenção e à aplicação de medidas urgentes, nomeadamente pelos municípios. Limitar o uso de confetes nos espaços públicos, de balões e de plástico descartável na costa marítima, assim como trocar o fogo de artifício por espetáculos de luzes são algumas das propostas apresentadas num plano nacional.

De acordo com o Plano de Ação Nacional para o Lixo Marinho 2024-2026, que inclui o diagnóstico do estado dos areais traçado pela Agência Portuguesa do Ambiente, a mediana das praias em Portugal continental é de 373 itens poluentes por cem metros de praia amostrada, acima do limite estabelecido em 2020 pela União Europeia, que é de apenas 20 itens por cem metros. "A situação do lixo marinho em Portugal exige

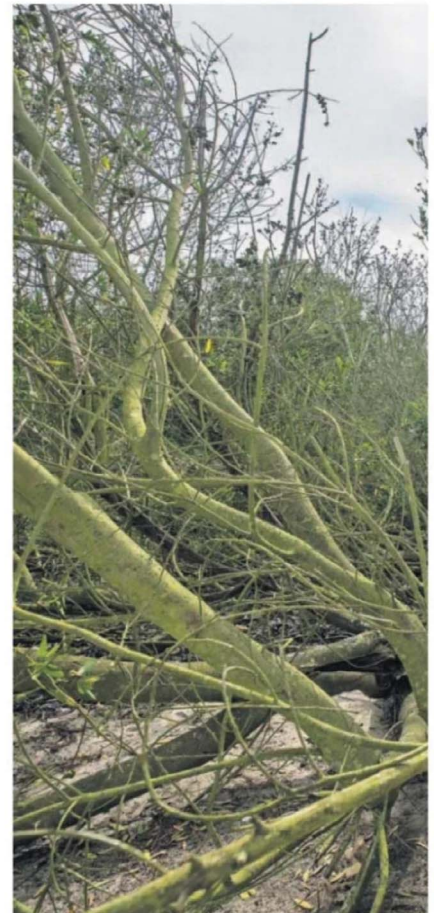
ação imediata e sustentada para mitigar os impactos negativos nos ecossistemas marinhos, na economia e, potencialmente, na saúde pública", alerta-se no documento, que propõe ações a implementar até 2026 para dar resposta às obrigações do país.

A maioria do lixo decorre de atividades realizadas em terra (cerca de 80%), mas "não necessariamente apenas junto ao litoral", já que as águas de escorrência urbana, vento e correntes transportam muitos resíduos, como é explicado no plano. Por isso, é preciso atuar em várias frentes. As propostas para lidar com o excesso de lixo, nomeadamente plástico, vão além da luta contra as embalagens descartáveis. O plano assinala que as câmaras "podem restringir o uso de determinados produtos". "Por exemplo, pode ser proibido o uso de balões e/ou confetes plásticos" em alguns locais. Para garantir a aceitação pelo público das medidas e ações, é importante que os municípios forneçam "informações sobre o impacto ambiental das atividades restringidas, por exemplo dos fogos de artifício ou dos balões e, se necessário, procurar conceitos alternativos (por exemplo, espetáculos de luzes)".

O tabaco merece reparos. "Não há dúvida de que a proibição de fumar nas praias, por exemplo, poderia reduzir significativamente o grande número de pontas de cigarro que são descartadas, incorretamente, no ambiente. De qualquer modo, é importante preverem-se campanhas que expliquem ao público o impacto das pontas de cigarros", lê-se ainda no documento, que recomenda a disponibilização de cinzeiros.

NÃO PODE PENALIZAR SÓ O CONSUMIDOR

As associações ambientalistas Zero, Sciaena-Associação de Ciências Marinhas e Cooperação e SPEA defendem que é preciso agir na fonte. É "necessário resolver o problema a montante e não apenas limpar a sujidade que já existe", adverte Joana Soares, da Zero. Não se deve fazer "recair apenas sobre o consumidor a responsabilidade de adotar comportamentos mais sustentáveis", é preciso "incentivar a indústria a eliminar a produção de itens de vida curta e



ALERTA

Plástico e beatas são os mais frequentes

Portugal é "vulnerável" à acumulação de lixo devido à extensa costa, que recebe resíduos transportados pelas correntes e ventos, e pela "pressão demográfica nas zonas costeiras, onde também predomina uma importante fonte de receita para o país: o turismo". A lista dos resíduos detetados nas praias em 2023 é encabeçada pelos fragmentos de plástico, seguida das pontas e filtros de cigarro e esferovite (poliestireno expandido, um tipo de plástico). Os plásticos são, assim, a categoria dominante (88% do total), com os de utilização única a representar cerca de 33%.

dar prioridade a reutilizáveis e de longa duração", algo em que o plano "falha".

"Há algo que já é adotado por alguns municípios e é louvável, que é a proibição do uso de balões ou confetes em eventos na zona litoral. É importante que este tipo de medidas, especialmente dirigidas a empresas e estabelecimentos perto do litoral, comecem a ser obrigatórias".

REPORTAGEM

“Usam a sanita como um botão mágico”

Fernando Paiva (Joca) recolhe lixo na praia da Barra e alerta a comunidade para a urgência de mudar comportamentos e proteger a natureza

Zulay Costa
zulay.costa@ext.jn.pt

TESTEMUNHO É raro o dia em que Fernando Paiva, mentor do movimento cívico ambientalista Não Lixes, pise o areal da praia da Barra, em Ilhavo, onde dá aulas de surf, e não tenha de apanhar lixo. Mas este é apenas um dos muitos gestos de Joca, como é mais conhecido, em prol do ambiente. O ativista reduziu

os seus bens materiais, dá palestras em escolas, promove campanhas e procura sensibilizar quem o rodeia para a urgência de proteger o ambiente: “Defender a natureza é uma prioridade”.

“É comum encontrar fragmentos de plástico, sacos, armadilhas de plástico para polvo, beatas que as pessoas escondem debaixo da areia”, descreve Joca. Numa ocasião, quando promoveu uma recolha de beatas com os alunos da escola de surf, ficou “estupefacto”. “Apanhamos dois sacos de cem litros cada, no espaço de duas horas”, recorda.

Além do lixo no areal, também o preocupa a qualidade da água. Mostra uma foto junto a um tubo de uma estação de tratamento de águas residuais e explica: “Muitas pessoas usam a sanita como um botão mágico onde desaparece tudo, seja óleo de fritar, pensos higiénicos, preservativos, cotonetes ou toalhetes. Mas o lixo vai ter a algum lado. Não sou fundamentalista, mas temos de repensar a forma como vivemos. Os recursos do planeta são finitos. As coisas estão descontroladas e o plástico não desaparece por artes mágicas.”

JÁ TIROU DOIS MIL CARROS DO RIO

O ativista fez mudanças na sua vida, reduzindo bens materiais para ter tempo para o que considera importante: estar com a mulher e fazer o que adora, como ir ao mar. Os três carros da família foram reduzidos a um, a sua roupa cabe em duas gavetas. Além de dar palestras em escolas, lançou, com o apoio da Câmara de Ilhavo, uma campanha para lembrar aos banhistas da Barra que é proibido o uso de equipamentos geradores de ruído, atirar beatas e lixo na praia e pisar as dunas.

Quem o ouve não imagina que nunca pensara sequer tornar-se ativista. Foi em Coimbra, há mais de dez anos, que se deu “o clique”. “Estava a dar uma aula de windsurf e vi que um dos alunos estava a ir contra uma peça vermelha”, que, mais tarde, verificou ser um dos muitos carrinhos de compras de supermercado atirados ao rio por universitários, que introduziram a “moda” nos cortejos académicos. “Fiquei preocupado com a segurança.” Durante anos, juntou amigos para limpar o leito do rio, promoveu um cordão humano nas margens, apelou às autoridades. A luta não foi ingloria: “Há dois anos, apanhamos dois mil carros no largo da portagem, perto do rio. Foi o pior ano. Em 2023, o acesso do cortejo ao rio foi bloqueado pela polícia, e passamos de dois mil para dez”.



Joca recolhe garrafas de plástico, beatas e restos de artes de pesca no areal da praia da Barra, onde dá aulas de surf

ENTREVISTA



Adriano Bordalo e Sá
Prof. Instituto de Ciências Biomédicas
Abel Salazar da Universidade do Porto

“Estamos numa zona estratégica de transporte marítimo”

O lixo também pode chegar à praia pelos rios?

Temos dezenas de rios, ribeiros e cursos de água a drenar para o mar, sendo que a zona entre a foz do Douro e a do Minho é a que tem mais rios a desaguar. Os rios não transportam apenas água doce, transportam ainda alguma areia, que não fica retida nas barragens, e imensa matéria em suspensão, que é de origem humana e urbana.

E pelas correntes marítimas?

Do mar, vêm matérias em suspensão de outros locais em terra, muito lixo que resulta de atividades marítimas ou de descargas de navios de combustível e resíduos que, apesar de interditas, acontecem. Temos restos de redes que se perdem ou rasgam, boias, contentores inteiros que são perdidos. Nós somos particularmente vulneráveis por estarmos numa zona estratégica de transporte marítimo internacional. O que vem da América Latina, da América do Norte e, principalmente, o transporte que vem através do Canal do Suez (que, agora, está mais reduzido por causa dos conflitos) passa aqui à nossa frente.

O que é preciso fazer?

Não é aceitável que os fumadores coloquem as beatas na areia, demoram centenas de anos a degradar-se. Estamos longe de outros países, onde é proibido fumar na praia. É preciso, rapidamente, considerarmos a possibilidade de interditar o fumo, por razões de saúde pública e ambientais, pois falta civismo. Outra questão gravíssima é o plástico. É preciso reduzir o seu consumo no nosso dia a dia. Quando surgiu, foi considerado um sinal de progresso, mas, 70 anos depois, vemos que de progresso não tem nada, antes pelo contrário: criou-nos um problema ambiental gravíssimo a nível mundial. No Pacífico, há uma ilha flutuante de plástico do tamanho de França.

O plástico afeta os animais e os humanos?

Cada vez mais, são encontrados animais marinhos mortos que estão enrolados ou ingeriram plástico. Os peixes ingerem plástico e parte dele passa para o sistema sanguíneo, acumula-se no músculo e nós, depois, comemos alimentos contaminados. No limite, as nossas crianças nascem com microplásticos, fruto do que passa pelo cordão umbilical da mãe, que os ingeriu. Estamos longe de perceber o real impacto sobre a saúde pública, mas sobre o ecossistema marinho e aquático é evidente.

